

PARTE I

OLHARES DE ESPECIALISTAS

Uma visão da Guiana Brasileira: a expedição de Hamilton Rice pela Amazônia

*An overview of the Brazilian Guyana:
Hamilton Rice expedition to the Amazon*

Carla Monteiro de Souza*

Resumo: Este trabalho tem como objetivo resumir a passagem do geógrafo norte-americano Alexander Hamilton Rice Jr. (1875-1956) pela região do Rio Branco, atual Estado de Roraima. Esta expedição realizada entre 1924-25, gerou um material significativo para o estudo da região, pois além de um rico relatório gerou um importante registro fotográfico e filmico dos lugares e das gentes da região, a época conhecida como Guiana Brasileira. Aqui se aborda a obra publicada em português que reproduz parte do relatório, intitulada “Exploração na Guiana Brasileira”, publicada em 1978, na Coleção Reconquista do Brasil.

Palavras-chave: Roraima. Hamilton Rice Jr. Guiana Brasileira.

Abstract: This paper aims to summarize the passage of the American geographer Alexander Hamilton Rice, Jr. (1875-1956) by region of Rio Branco, current state Roraima. This geographical expedition, conducted between 1924-25, produced material for the study of the region, as well as a rich report produced a major film and photographic record of the places and people of the region, then known as Brazilian Guiana. Here we approach the work published in Portuguese which reproduces part of the report, entitled “Exploration in Brazilian Guyana”, published by publishing house Itatiaia and the University of São Paulo, in 1978, the collection Reconquer of Brazil.

Keywords: Roraima. Hamilton Rice Jr. Brazilian Guyana.

* Doutora em História pela PUCRS. Professora do Curso de História, Programa de Pós-Graduação em Letras e do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Fronteiras da UFRR.

O presente trabalho tem como objetivo resumir a passagem do geógrafo norte-americano Alexander Hamilton Rice Jr (1875-1956) pela região do Rio Branco, atual estado Roraima. Esta viagem, realizada entre 1924-25, que tinha objetivos geográficos, produziu um material significativo para o estudo da região, pois além de produzir um relatório rico em informações e comentários produziu um importante registro fotográfico e filmico, de seus lugares e sua gente. Aqui se aborda a obra que reproduz parte do relatório, intitulada “Exploração na Guiana Brasileira”, publicada pela Editora Itatiaia e pela Universidade de São Paulo, em 1978, na Coleção Reconquista do Brasil.

Alexander Hamilton Rice Jr¹ (1875-1956) nasceu na aristocrática Boston e era descendente direto de um pioneiro do *Mayflower*. Filho de família abastada e de prestígio, seu avô, de quem herdou o nome, foi um eminente político no estado de *Massachusetts*. Estudou na Universidade de *Havard*, onde se graduou em 1898 e se formou em medicina em 1902.

Participou ativamente da Primeira Grande Guerra como médico, primeiro como civil e, depois da entrada dos EUA na guerra, como médico militar, sempre baseado em Paris, aonde chegou a dirigir um hospital de base. Estudou por três anos na *Royal Geographic Society*, em Londres. Em 1915, casou-se com a rica *Eleanor Widener*, sobrevivente do naufrágio do Titanic, e após seu falecimento em 1949, casou-se com *Dorothy Farrington Upham*.

Mas foi em Harvard que construiu sólida carreira como professor, pesquisador e conferencista, na área médica e, principalmente, na geográfica. Lá desenvolveu sua veia de explorador e de geógrafo físico, especializando-se no estudo dos rios, incursionando pela Amazônia, pela bacia do rio Hudson e pelo Alaska, tornando-se um respeitado especialista em hidrologia. Com este lastro científico fundou, em 1929, o *Institute for Geographical Exploration*, em *Harvard*, sendo seu presidente até sua extinção, em 1952. Portadores de fortuna pessoal, Rice e a esposa Eleanor foram os grandes apoiadores das atividades do Instituto.

Segundo Maxwell, “o doutor Rice era um grande desbravador do alto Amazonas e organizou sete expedições à região”, algumas das quais acompanhado da mulher. Mas foram as expedições à região chamada Guiana Brasileira que o notabilizaram.

¹ Ver informações biográficas nos artigos: “O verdadeiro Indiana Jones”, Kenneth Maxwell, *Folha de São Paulo*, 10/9/2009. Disponível em: <<http://www2.sinal.org.br/informativos/sumulajornais>>; “Physician and Author Dies – Made Trips on the Amazon and Taught Navigation”, *New York Times*, 24/07/1956. Disponível em: <www.encyclopedia.titanica.org>. Acesso em: 25/08/2011.

Rice delimitou assim a sua área de estudo: Guiana Brasileira está “situada na parte nordeste de um quadrilátero delimitado pelas linhas que vão de Bogotá (Colômbia) ao Monte Roraima (Guiana Inglesa) e de Iquitos (Peru) a Manaus (Amazonas)” (1978, p. 18), e que compreende a bacia do rio Branco e seus tributários e afluentes, notadamente o complexo Uraricoera/Parima. Sem dúvida, a expedição realizada entre 1924-25 à região se destaca neste contexto.

O interesse de Rice pela Amazônia e por esta região em particular não era novo. Segundo ele mesmo informa no prefácio do relatório da expedição de 1924-25, explorou “esta região no primeiro quartel do século, à custa de várias expedições”. Baseado nisso, delimita assim o campo da expedição realizada entre agosto de 1924 e maio de 1925: “o baixo rio Negro forma a base meridional; o rio Branco, o traço do centro, o Uraricoera-Parima, o do alto” (1978, p. 18), ou seja, a porção centro-noroeste do imenso município amazonense de Boa Vista do Rio Branco.

Vale destacar que o sítio de estudo compreende um ecossistema complexo formado parte por savanas, chamadas regionalmente de lavrado, por áreas de floresta e áreas de transição entre o lavrado e a floresta, fato que exigiu da expedição planejamento e equipamentos que dessem conta desta diversidade de paisagens.

A expedição bastante bem aparelhada tinha objetivos bem definidos a cumprir, utilizando-se para isso de equipamentos, tecnologias e métodos de pesquisa avançados para a época. Como primeiro e mais importante objetivo estava explorar e cartografar os rios Branco e Uraricoera, “este último até a sua nascente na Serra Parima”, verificando a existência de “um atalho ou passagem entre as cabeceiras desse rio e as dos Orenoco”. Para tanto, adotou o “método das altitudes iguais – chamado *New Navigation* ou *Claude-Drincourt* – utilizando teodolitos de prisma, que permite obter determinações astronômicas de maneira mais prática e mais séria”, também um instrumento mais leve e menos incômodo de manusear (1978, p. 18).

Junto a isso, visava efetuar na pesquisa a “experimentação sobre aparelhos de telegrafia sem fio (TSF), construídos para emissão e recepção” e sobre a utilização de “um hidroplano, do tipo *Curtiss Sea-Gull*”, para auxiliar e ampliar o trabalho de exploração, notadamente quanto à cartografia e à realização de imagens aéreas, bem como o auxílio no “caminhamento” da expedição, localização e comunicação dos grupos de trabalhadores que estivessem separados (1978, p. 18).

Como quarto e quinto objetivos estavam efetuar um estudo geológico e morfológico da região e, ao mesmo tempo, um “estudo antropológico, etnológico e sanitário” da área pesquisada (1978, p. 18).

Seguindo um programa de pesquisa em bases científicas, Rice toma como base para delimitar a área, definir os objetivos e os recursos técnicos, materiais e humanos que foram utilizados na expedição outras visitas que fez a região, notadamente os dados obtidos por sua expedição anterior, realizada entre 1919-20, afirmando, ainda, que pretendia “encadear” os dois estudos. Busca também apoio no que chama de “precursores”: a Comissão Portuguesa de Delimitação de Fronteiras, de 1787, e da Comissão Venezuelo-Brasileira, de 1882; o estudo do alemão *Robert Schomburk*, de 1838-39; o memorável estudo do etnólogo alemão *Theodor Koch-Grünberg*, de 1911-12; o relato de *William Curtiss Farabee*, de 1913 (1978, p. 19).

Ainda neste quesito, demonstra que seu fascínio pela região assenta-se nas descobertas e nas perspectivas de estudo apontadas pela ampliação da exploração da Amazônia por pesquisadores e exploradores dos mais diversos matizes: cita a carta que *Richard Spruce*, escreveu em Manaus em 1853, na qual afirma que “o maior rio do mundo atravessa a maior floresta”, o que Rice complementa ao dizer “que aí estão os traços físicos característicos do maior peneplano² do mundo”; assim como o relato do regatão *Ciro Dantas*, de 1922 (1978, p. 19).

Neste sentido, infere-se que o fascínio de Rice pela região está alicerçado em duas tendências não excludentes. Uma mais antiga e tradicional, se vincula a noção da Amazônia como terra selvagem, inculta, indomável e rica, ao mesmo tempo hostil e fascinante, território virgem pronto para ser palmilhado, conquistado e explorado. A outra se liga a lógica cientificista/tecnicista e capitalista que marca o final do século XIX e o início do XX, notadamente o período entre guerras.

Este último aspecto fica patente no prefácio da edição francesa assinado pelo amigo *Raoul Blanchard*, professor das Universidades de Grenoble e de Harvard, quando afirma que o resultado da expedição é uma “valiosa contribuição aos estudos de uma das mais difíceis regiões do mundo”. Segue dizendo que o estudo empreendido por Rice é uma “espécie de revolução técnica da exploração” por aplicar os “mais modernos processos científicos”. Destaca a incorporação do método geodésio dos franceses *Claude-Drincourt*, como uma virtude de Rice,

² Segundo o Dicionário Eletrônico Houaiss, em geomorfologia: superfície plana ou levemente ondulada, formada pela ação erosiva, em uma região dobrada; peneplanície.

apesar de ser ele mesmo um “americano até a ponta dos cabelos” (1978, p. 14), explicitamente definindo o perfil de Rice como mais que um explorador, mas um pesquisador moderno, atualizado e eficiente.

O próprio Rice, na introdução da obra que ora estudamos, também dá destaque a este aspecto, isto é, o caráter científico e modernizante que norteou toda a expedição. Ressalta que “desde o começo do século XX, o método científico foi o elemento fundamental” no desenvolvimento da Geografia, destacando, neste sentido, a incorporação dos estudos científicos produzidos pela Física e pela Biologia, assim como dos novos métodos matemáticos. Situa o seu trabalho no campo da Geografia Física, no âmbito da Teoria Geográfica de *William Morris Davis*, considerado o fundador da geomorfologia, principalmente no que toca o uso do método explicativo e do “bloco-diagrama” (1978, p. 16).

Utiliza-se largamente a categoria “peneplano”, criada por Morris, ao descrever a morfologia da região estudada, assim como outras nomenclaturas técnico-científicas. Ao longo de todo o texto se serve de uma linguagem que faz jus ao caráter científico da expedição. O seu texto é descritivo, objetivo, com algumas digressões e comentários sem, contudo, se afastar do seu marco metodológico, isto é, do que prescreve o “método explicativo”, no qual segundo Rice “a explicação está contida na descrição” (1978, p. 16)

Todo texto é informativo, ao mesmo tempo um diário de campo e um relatório de pesquisa, registra tudo dia a dia. Constitui-se como uma peça científica por excelência, ainda que escrito em linguagem fluente, informal e de fácil entendimento.

Rice apresenta as coordenadas geográficas e as distâncias em quilômetros e horas; os horários de saída e chegada, o tempo gasto em cada percurso ou atividade:

Acima de Caracará até dos Montes Pacaraima (4º 1/2 N) estende-se os Campos, planícies abertas, permitindo pastagem de um gado médio, e em cada margem do rio [Branco] há grandes fazendas (1978, 23).

... no dia 18 de janeiro [1925], das 7 da manhã às 3 da tarde, vomonos as voltas com uma sucessão de cachoeiras, de rochas, de ilhotas, entre Uemelu e a cachoeira do Paredão ou Inanaipongue (1978, p. 31).

[11/02/1925] ... gastamos cerca de cinquenta minutos para transpor a cachoeira que se estendia dos dois lados de uma ilha que nos obrigou a uma passagem terrestre. Cerca de meia hora a montante desse ponto, encontro Bull, levando provisões a Purumame e vindo

de Culeculeima, onde deixara Shatuck e um índio, no dia 9 à tarde. A uma hora da primeira cachoeira havia uma segunda, que nos tomou bem cinqüenta minutos e não foi senão depois de 1 h e 30 min da tarde que as canoas se puseram a caminho (1978, p. 37).

[13/03/1925] O rio Parima, acrescentaram, é muito difícil e impraticável para as canoas; ao longo dos seus 100 quilômetros ele não é mais do que uma branca massa de espuma (1978, p. 42)

A 15 de abril, no começo da tarde, alguma coisa como alta cadeia era visível a 230° e, na manhã seguinte, ao deixarmos o campo através da ilhota rochosa, o contorno da cadeia reapareceu na mesma direção, por entre as nuvens. (...) Na outra margem, uma colina isolada, na direção 292° (1978, p. 51).

Anota os pontos de referência para o seu mapeamento, que são nomeados com suas denominações originais ou com nomes atribuídos pela expedição, em casos em que não conseguem obter a denominação já adotada. Descreve e lista a vegetação e as espécies vegetais e animais que encontra, registrando-as em sua localização com os seus nomes vulgares e científicos, ainda que não seja este o objetivo central da pesquisa.

Menciona os equipamentos usados, situando-os quanto a sua utilidade, o tipo e localização da atividade, explicando a sua função e seu desempenho e efetividade nas atividades de exploração e pesquisa. Descreve atentamente que tipo de recurso foi usado em cada etapa e, ainda, os improvisos que precisou fazer para vencer os obstáculos. Foram usados modernos e diversificados recursos materiais, mas também utensílios e artefatos oferecidos pelos indígenas. Como exemplo disso, contou com um barco grande, uma chalupa, barcos pequenos e, ainda, com as ubás, grandes canoas a remo feitas pelos indígenas que foram cedidas ou alugadas à expedição.

Contou com uma equipe diversificada composta por trabalhadores especializados e não qualificados, um numeroso grupo composto por: americanos e brasileiros, estes de Manaus e do Rio Branco; profissionais capacitados, como os pilotos do hidroplano, os operadores do telégrafo sem fio, o fotógrafo e cineasta português Silvino Santos e o etnólogo alemão *Theodor Koch-Grünberg*, falecido logo no início do percurso³; fazendeiros, “caboclos” e indígenas das várias etnias locais.

³ Em fins de agosto a expedição ganhou o Rio Negro e o seu afluente Rio Branco, vitimando, seis semanas depois, Koch-Grünberg, que morreu de malária no dia 9 de outubro, na localidade de Vista Alegre, Roraima, sem haver atingido a região em que executaria

Estabeleceu também uma produtiva e estreita parceira com o Comendador Joaquim Gonçalves de Araújo, o conhecido J. G. Araújo, grande comerciante português estabelecido em Manaus. O contato com J. G. Araújo abrangiu o fornecimento de provisões e equipagens para a expedição, inclusive porque a empresa J. G. Araújo possuía negócios no Rio Branco, como um importante entreposto comercial em Boa Vista e grandes fazendas de gado no alto rio Branco. Rice faz menção ao empresário em várias partes de seu relatório, o que nos sinaliza que este é um aspecto que mereça ser mais bem investigado.

Cita ao longo de todo texto os recursos humanos e materiais envolvidos de forma precisa, identificando os participantes, inclusive os indígenas. Situa-os e as suas atribuições, dando destaque diferenciado nas várias etapas e atividades empreendidas, tanto aqueles de maior responsabilidade técnica, como os operadores do telégrafo sem fio, os pilotos do hidroavião, o responsável pelas imagens, o português Silvino Santos, quanto aos indígenas, nos quais reconhece a utilidade por serem profundos conhecedores da região.

Contou com a ajuda de não-índios que viviam na região, Ciro Dantas, genro do Coronel Bessa (um grande fazendeiro da região), a quem, como explica Rice “já encontrara quando morava em Barcelos, no rio Negro, agora regatão no Alto Rio Branco-Uriraricoera”, cujo relato também instrui a expedição. Dantas foi engajado a expedição como capataz e sua missão era recrutar índios para as canoas, no que foi bem sucedido, pois como ressalta em duas semanas recrutou “uma trintena de macuxis, uapixanas, jaricunas e tauliapangues”. Compunham ainda o grupo de trabalho “vários mulatos e caborés (mestiços de negro e índio) esses últimos sempre difíceis de manejar, mas apesar disso, homens preciosos” (1978, p. 28).

Quanto a participação dos indígenas, Rice destaca a liderança de alguns “tuxauas”⁴, que foram imprescindíveis no recrutamento, adesão e manutenção dos trabalhadores índios à expedição, mão-de-obra fundamental para as atividades braçais e por seu conhecimento da

seus trabalhos de pesquisa. Segundo Renan de Freitas Pinto, professor da Universidade Federal do Amazonas, na apresentação da publicação em português da obra *Dois Anos entre os Indígenas*, a morte prematura de Koch-Grünberg certamente o impediu de realizar importantes planos de pesquisa, cujas contribuições seriam esclarecedoras para o conhecimento dos povos indígenas e para a publicação de novas obras, como foram aquelas que o consagraram com um dos fundadores da antropologia brasileira, e de modo particular, dos povos indígenas da Amazônia. “Cientista desvenda a Amazônia”. <http://amazonview.uol.com.br/cultura_historia/>, acesso em: 20 ago. 2011.

⁴ Designação local dos chefes das comunidades indígenas.

região e dos meios mais eficientes de percorrê-la. Menciona as etnias e comunidades que participaram da caminhada, o número de indígenas que entravam e saíam em cada etapa da expedição. Dá destaque a alguns episódios nos quais relata, com certa admiração, os atos dos indígenas que demonstram o seu conhecimento e coragem para lidar com os mistérios e perigos das matas e rios.

Dedica espaço no texto para explicar a forma de remuneração dos indígenas feita por meio do pagamento de “salários”, termo usado pelo próprio Rice, que funcionava da seguinte maneira: o trabalhador índio era pago com “um cheque com indicação do número de seus dias de presença na expedição, e estipulando a forma de pagamento, em dinheiro ou em mercadorias”; a cópia do cheque era “enviada pelo hidroavião a Couzens, que ficara em Boa Vista, para cuidar da chalupa e ocupar-se dos numerosos problemas que reclamavam a presença de um homem capaz, na base central da expedição”, o qual “à vista da cópia do cheque”, acompanhava o seu portador “às lojas, onde o índio não tinha mais do que escolher o que quisesse” (1978, p. 32).

Rice ressalta que esta forma de proceder a remuneração dos indígenas foi aperfeiçoada após reclamações dos trabalhadores quanto aos procedimentos adotados por Ciro Dantas, os quais causavam desconfiança e mal-estar entre os trabalhadores, pois este diante de diferentes problemas com os trabalhadores ameaçava reter os salários.

Contudo, a intervenção do chefe da expedição foi apaziguadora, pois segundo Rice, apesar de ter achado excessiva a importância de salários indicada por Dantas, determinou “que se lhes pagasse integralmente pelo trabalho” e que “daí por diante, Dantas não poderia mais reter salários”. Com ênfase afirma que “não tardou a ser conhecida em Boa Vista essa maneira de proceder; desde então, não houve mais nenhuma dificuldade em recrutar pessoal”, justificando que “os que partiam sabiam muito bem o que os esperava, como dificuldades, mas, ao menos, estavam seguros de receber seus salários” (1978, p. 32).

Nesse aspeto, o autor se permite uma digressão sobre a relação entre índios e não-índios ao afirmar que “uma das dificuldades nesse norte da América do Sul é a má fé dos comerciantes e dos que empregam índios”, enfatizando também o secular, tradicional e “deplorável ato de deduzir dos salários uma alta percentagem sob pretextos os mais diversos”. Imputa a isso a desconfiança dos indígenas para com os brancos e aponta isso como um dos aspectos “responsáveis pela miséria e pelo atraso da região” (1978, p. 32).

Sobre isso, em várias partes do texto não se furta observar algumas características negativas dos indígenas: por vezes são supersticiosos, ariscos e ladinos. Não obstante, como bom cientista busca uma explicação plausível para tal fato:

... o índio, abandonado a si mesmo em meio às solidões, pode não apenas sobreviver e buscar tudo que é necessário à existência, proteger-se contra os animais selvagens, suportar todas as privações, mas ainda enfrentar e reverter em proveito próprio qualquer eventualidade que um branco não saberia superar. Todavia quando se faz necessário tomar uma simples decisão, que um branco efetuará automaticamente, o índio torna-se mudo, imóvel, apático, sem energia nem reflexos. Sua adaptação ao ambiente é admirável, mas sua iniciativa e capacidade de assimilação anulam-se logo (1978, p. 29).

Nota-se aí duas forças ideológicas em ação: uma pondera e reconhece as habilidades dos nativos, amparada pela perspectiva científica da observação empírica e pela própria experiência resultante das várias expedições empreendidas, no qual o trabalho e o conhecimento do indígena sempre foi fundamental; a outra se afina a velha mentalidade colonizadora e civilizadora, que toma os indígenas como carentes de civilização, primitivos, cuja evolução ainda está em curso, por um lado ingênuos, por outro selvagens. A influência dessas duas concepções fica explícita quando completa seu pensamento afirmando que “se alguma coisa pode ser feita pelos índios da América do Sul, seria educá-lo desde a infância, pois o período de formação entre eles é bem mais precoce do que entre o filho de brancos ou de mestiços” (1978, p. 29).

No entanto, ao longo de todo texto fica patente que o ponto forte da expedição e, a nosso ver, a característica que a distingue de outras anteriores e contemporâneas a ela, foi o uso de um aparato tecnológico de última geração, notadamente do telégrafo sem fio (TSF), do hidroplano, da fotografia e da cinematografia, recursos que se complementaram em vários momentos.

A 20 de janeiro entrávamos em comunicação pelo telégrafo sem fio com Boa Vista, e ordenávamos a expedição de nossas provisões de farinha, café, açúcar, arroz, estopa, remos, carne seca ao campo de Tipurema. Hilton e Stevens [pilotos do hidroplano], que iam partir de Boa Vista para Puruname, foram informados que as águas estavam muito baixas [...] o que tornaria a amerrisagem muito perigosa (1978, p. 33).

Este primeiro recurso permitiu a expedição comunicar-se com eficiência e presteza entre si, isto é, entre os vários grupos designados para tarefas diferentes espalhados pela área de estudo, com a base da expedição em Boa Vista, com seu chefe e, até mesmo, com Manaus e os EUA. Além disso, Rice também justifica cientificamente o uso do TSF, quando na introdução de seu relatório afirma que também permite “determinar longitudes em qualquer ponto que seja dos continentes e mares” (1978, p. 16).

O telégrafo sem fio tinha papel importante no desenvolvimento da expedição e no seu avanço nas difíceis paragens do Rio Branco. Era deslocado com antecedência, constituindo-se como um posto avançado para o avanço do grupo. Da mesma forma mantinha a expedição em contato com o resto do mundo, ou do “mundo” que importava naquele momento: por exemplo, em fevereiro de 1925, “o TSF, informou-nos que Boa Vista festejava o carnaval, e que era então, impossível por muitos dias conseguir homens, canoas ou provisões ...” (1978, p. 39).

Quanto ao uso científico do hidroavião, Rice informa que obedecia a duas necessidades específicas da sua expedição: auxiliar as atividades de campo, tais como comunicação entre os grupos, localização das várias equipes, facilitar o transporte de pessoas, de equipamentos e provisões, atender possíveis emergências; e desenvolver atividades de pesquisa propriamente ditas, realizando imagens aéreas, contribuindo no mapeamento e no levantamento topográfico, ajudando na localização de pontos identificados nas incursões em terra.

Segundo Raoul Blanchard, o hidroplano batizado de Eleanor III (certamente uma homenagem à esposa), “manteve-se em vôo 174 horas e cobriu 19.000 quilômetros”. Afirma que o uso do moderno equipamento permitiu “obter preciosa documentação sobre as regiões desconhecidas” e que “as fotografias aéreas permitiram levantar, com exatidão, o mapa dos lugares percorridos” (1978, p. 14).

O uso do equipamento aeronáutico na pesquisa científica gerou um interesse mais abrangente, para além do universo científico. A tradicional revista *Popular Mechanics Magazine*, em novembro de 1925 publicou a matéria intitulada *Airplane aid explorers in Brazil*⁵ a qual destacava importância do uso do avião conjugado à fotografia na expedição e no desbravamento da Amazônia levado a cabo por Rice. Segundo o próprio, em entrevista ao *New York Times*, citada na referida matéria,

⁵ POPULAR MECHANICS MAGAZINE. November, 1925, v. 44 n. 5, Chicago, by H. A. Bruno. p. 786-789

a vantagem da fotografia aérea como auxiliar na exploração e pesquisa geográfica é que ela amplia a área territorial e a cobertura de áreas de difícil acesso, nas quais existiam nativos hostis e muitos obstáculos naturais, além da observação aérea tornar a penetração mais ágil e a pesquisa mais eficiente.

A coleção de fotos constante do volume aqui abordado é prova do acerto do uso do hidroavião na expedição de Rice. São fotos panorâmicas, que se configuram como uma inegável novidade para o estudo da região amazônica naquela época, e ficam para a posteridade por sua grande beleza. Foram as primeiras fotos aéreas feitas da Amazônia e serviram para demonstrar a grandiosidade da região, bem como os desafios para o seu conhecimento e exploração.

Neste aspecto, destaca-se a participação do fotógrafo e cineasta Silvino Santos, um português radicado em Manaus, contratado ao Comendador Joaquim Gonçalves de Araújo, o J. G. Araújo que inclusive manteve uma produtora cinematográfica em Manaus. As imagens produzidas por Santos como cinegrafista oficial da expedição originou o filme *No Rasto do El-Dorado*.

De acordo com o próprio Silvino Santos, estando em Manaus Rice foi recomendado à Casa J. G. Araújo e explica em depoimento⁶ como foi sua incorporação a expedição:

... o dr. Rice falou em mandar vir um cinegrafista da América. O sr. Agesilau mostrou ao dr. Rice e comitiva o filme NO PAÍZ DAS AMAZONAS e ficou assente em ser eu o operador. (...) Levamos 9 meses de subida até as nascentes do Rio Branco ou Uraricuera. (...) o avião fazia pouso aí e nos trazia de Boa Vista a correspondência, filmes para a máquina de filmar e mais utilidades. Os filmes que eu tinha filmado remetia a Manaus e, no laboratório da casa J. G. Araújo, o nosso companheiro Lira, que era um bom fotógrafo, revelava os filmes. O sr. Agesilau quando me escrevia mandava-me dizer o resultado para eu me guiar. O avião só comportava 2 passageiros e pouca carga. Na parte de fora do avião foi colocado um dispositivo em ferro onde era colocada a máquina de filmar Bell-Howell (...) Os negativos da expedição Rice, o dr. Rice levou para a América e deixou que tirássemos cópias em inglês e português... Ao filme da expedição demos o título No rastro do Eldorado.

⁶ Depoimento de Silvino Santos no site <www.cinamateca.gov.br>, acesso em: 03 set. 2011.

Junto ao magnífico registro visual produzido por Rice e sua equipe, seu texto apresenta observações pontuais sobre algumas questões. Sem pretensão etnológica, Rice se permite comentários e digressões sobre determinados aspectos que lhe causam interesse e/ou estranheza, como a habilidade das gentes do Rio Branco para “domar”, se movimentar e viver no ambiente de selvagem da floresta e do “lavrado”.

Comenta em várias partes do texto as condições sanitárias vigentes no campo e nos povoados. Aliás, em alguns momentos com estranheza com certa indignação, observa a alimentação pobre em nutrientes, as doenças endêmicas, como a malária.

[24/10/1924] A carência de frutos e legumes, numa região que deveria ser rica em produtos agrícolas, explica-se pelo fato de que toda a mão-de-obra é monopolizada pelas “fazendas” (...) A agricultura é totalmente negligenciada o que é grave, pois a população fica privada de certos alimentos essenciais ao bem-estar fisiológico da comunidade. (p. 25)

[04/12/1924] A algumas hora a montante de Alagadiço, atinge-se Gracia a Dios, propriedade do piloto Dominguez de Albuquerque. Entre sua numerosa família havia vários doentes, vítimas das deficiências do regime alimentar. (p. 27)

[18/03/1925] No Igarapé, cuja margem foi desmatada para fazer um desembocadouro, achavam-se várias ubás com homens nus, sujos, mal nutridos, os corpos magros besuntados de uma tinta azul de jenipapo, a gravar ainda sua natural feiúra. (p. 44)

Pontua a relação que existe entre a dieta deficiente, as condições sanitárias, a saúde da população e o “atraso” e a incipiência econômica, urbana, social e política da região. É notória descrição que faz de Boa Vista, cujo emblema é a afirmação de “que é o único agrupamento junto ao rio que tem a honra de ser chamado de ‘vila’”.

Da mesma forma, isto é, sem se colocar no lugar de um cientista humano ou social – tarefa certamente reservada ao etnólogo *Koch-Grünberg*, prematuramente falecido – comenta sobre as gentes que encontra e com quem convive naqueles meses. Discorre sobre os índios, os brancos e a relação entre uns e outros. Conta sobre os costumes e a cultura da várias etnias indígenas com as quais teve contato, diferenciando-as, a partir da observação e das experiências que vivenciou, ora com estranhamento de um estrangeiro, ora como um investigador que levanta problemas em busca de respostas.

Como afirmou o tradutor e notista da edição brasileira, Lacyr Schettino, “a tudo atento como um verdadeiro chefe em campanha, Hamilton Rice fala-nos de cada passo dado, das asperezas e maravilhas circundantes, da atmosfera, do estado de ânimo dos companheiros”, destacando que seu texto documenta “o instante na sua realidade total, de tal forma que nos sentimos partícipes dessa corajosa expedição” (1978, p. 12).

Como um observador arguto, um homem de ciência, personagem da sua época, Rice busca se colocar de forma objetiva, racional e direta. Fiel ao método de Davis, ou seja, de que a descrição contém em si a explicação, produz um registro ao mesmo tempo técnico, aos moldes de um relatório, e uma narrativa, pois descreve o dia-a-dia, os avanços e recuos, as conquistas, os fatos marcantes e extraordinários, os lugares e as gentes do Rio Branco.

Sua obra é invariavelmente citada na historiografia sobre e da região, notadamente algumas passagens já consagradas em vários trabalhos acadêmicos realizados nos últimos anos. Recheado de comentários e observações, afirma-se aqui que seu relato se constitui como um verdadeiro achado para aqueles que se ocupam do estudo da região do antigo município do Amazonas, atual estado de Roraima.

Rice é protagonista e autor de um dos capítulos fundamentais da história da ocupação do Rio Branco/RR e da Amazônia, um personagem ímpar, cujo texto merece, à bem do fortalecimento da historiografia regional e local, uma leitura mais atenta às inúmeras possibilidades que oferece. No presente estudo de caráter introdutório procurou-se ressaltar a sua riqueza como fonte, para a História e para outras áreas do conhecimento. Advoga-se aqui, portanto que o livro “Exploração da Guiana Brasileira” é um documento que pode ser mais e melhor explorado, “lido” em sua pluralidade, profundamente, de modo a contemplar a multiplicidade de questões e aspectos que engloba e de abordagens que enseja.

Referências

Popular Mechanics Magazine. November, 1925, v. 44 n. 5, Chicago, by H. A. Bruno.
RICE, Hamilton. *Exploração na Guiana Brasileira*. Belo Horizonte/São Paulo: Ed. Itatiaia/EDUSP, 1978.

Sites:

Cientista desvenda a Amazônia. <http://amazonview.uol.com.br/cultura_historia>. Acesso em: 20 ago. 2011.

MAXWELL, Kenneth. O verdadeiro Indiana Jones. *Folha de São Paulo*, 10/9/2009. Disponível em: <<http://www2.sinal.org.br/informativos/sumulajornais>>. Acesso em: 03 set. 2011.

Physician and Author Dies – Made Trips on the Amazon and Taught Navigation. *New York Times*, 24/07/1956. Disponível em: <www.encyclopedia.titanica.org>. Acesso em: 25 ago. 2011.

SANTOS. Silvino. <www.cinemateca.gov.br>. Acesso em: 03 set. 2011.

Solicitado em 17/09/2012

Aprovado em 18/10/2012